



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

PÔSTER

OS HISTORIADORES E AS ÁRVORES: UM ESTUDO DO PAU-BRASIL NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA AMBIENTAL

Autor: Éverton Alves Aragão

Graduando pela universidade Federal de Campina Grande

everton01588@gmail.com

Orientador(a): Professora Doutora Juciene Ricarte Cardoso (UFCG)

Jucieneufcg@gmail.com

INTRODUÇÃO: QUE HISTÓRIA OS HISTORIADORES ESTÃO FAZENDO

Os historiadores, e as historiadoras, quase sempre não percebem que o cheiro da terra molhada, que o cair leve e suave de uma folha no solo, ou o repentino crepitar dos correntões, levando uma árvore ao chão, faz parte da história humana. Ao dizer isso afirmamos que as memórias, individuais e coletivas, os gestos e as ações humanas escritas em contato com a natureza, alteram o sentido de se viver e estar em sociedade.

Digo isso pois ao empreender uma pesquisa histórica sobre o Pau-brasil, árvore típica da Mata Atlântica brasileira, em suas relações socioambientais entre diferentes grupos étnicos, na primeira metade do século XVI, cheguei a conclusões antes não imaginadas.

Nessa pesquisa, me pareceu óbvia a ideia de que inicialmente esta árvore, tão singular e facilmente encontrada em todo litoral das terras brasílicas – entre os séculos XVI e XVII – era, sobretudo, alimento para o afã de uma economia extrativa e predadora. Porém, no processo de pesquisa, percebi também que: essa árvore desde as primeiras décadas da colonização portuguesa foi sendo derrubada, apanhada e por muito tempo apagada da história brasileira. Parte em culpa de uma historiografia que silenciou os sujeitos ligados a natureza de suas narrativas.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Por muitos anos, historiadores e historiadoras, se limitavam dizer, que o Pau-brasil foi apenas uma árvore que serviu brevemente de riqueza europeia, e nada mais além disso. Isso se tratou, portanto, de um silenciamento metodológico ao ligar uma das maiores metáforas (vegetais) do país a um mero objeto sem história, isto é: um mero componente do cenário, no transitar e anseios humanos.

LOGO, MEU OBJETIVO NAS LINHAS QUE SE SEGUEM É O DE PROBLEMATIZAR O PAPEL DO HISTORIADOR FRENTE AS RECENTES INOVAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS. ALÉM DISSO, BUSCO MAPEAR PONTOS DE ATRITO E CAMINHOS DE ANÁLISE PARA PROMOVER UMA ALIANÇA ENTRE HISTÓRIA E NATUREZA – HISTORIADORES E ÁRVORES. PARA TANTO, BUSCO ESTABELEECER E PONTUAR O PAU-BRASIL ENQUANTO UM PROTAGONISTA, UM SUJEITO HISTÓRICO, QUE PARTICIPA, MODIFICA E ACRESCENTA AS EXPERIÊNCIAS HUMANAS AO LONGO DO TEMPO.

1 PERDIDOS NA FLORESTA: É POSSIVEL UMA HISTÓRIA VERDE?

No passado, os historiadores poderiam ser acusados de conhecer somente os grandes feitos, dos “grandes homens”. Mas hoje, é claro, não é mais assim – ou pelo menos pretendemos que não seja. Cada vez mais os historiadores e historiadoras se interessam pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixado de lado ou simplesmente ignorado. Carlo Ginzburg, historiador italiano do século XX, já escrevia sobre isso em seu prefácio à obra famosa de sua autoria, *O queijo e os vermes* (2006).

E isso foi, sem dúvidas, uma ruptura importante para os modos de se fazer história(s): as mulheres souberam aproveitar dessas recentes (e ainda vagas) introduções, a história dos negros e indígenas de igual forma ganham novos olhares a partir dos novos estudos desses historiadores; enfim, podemos dizer que “os excluídos da história” ganharam voz. Se pesarmos por meio de um olhar retrospectivo avançamos um passo largo e muito importante no ato de historiar.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

É verdade, são outros tempos. Novos diálogos surgem diariamente no âmbito acadêmico, a história que antes não dialogava com a antropologia, há algum tempo já há um processo de relação interdisciplinar. É nesse cenário que passei a me inquietar com outras coisas além de propriamente a “história”, uma dessas, ainda que não totalmente agrupada com essas novas sensibilizações dos historiadores, e também sociólogos, mas ao mesmo tempo é um assunto tão próximo a nós (como que o oxigênio que respiramos), trata-se de algo vulgarmente conhecido por *natureza*²⁷⁶.

Consideremos, por exemplo, que nós vivemos e registramos nossas histórias em um pequeno e pálido ponto, de um universo composto de algumas centenas de bilhões de galáxias, uma das quais é a Via Láctea – a “*nossa galáxia*”, muito embora não seja nossa. Que esta é composta de gás, poeira e aproximadamente 400 bilhões de sóis e que um deles, num braço obscuro da espiral é o Sol, a estrela local.

Acompanhando o Sol em sua viagem de 250 milhões de anos ao redor do centro da Via Láctea, existe um séquito de pequenos mundos. Alguns são planetas, outros são luas, uns asteroides, outros cometas. Levemos em consideração ainda que nós, humanos, somos uma das 50 bilhões de espécies que cresceram e evoluíram num pequeno planeta, o terceiro a partir do Sol, que chamamos de Terra (SAGAN, 2008, p. 60). O nosso planeta se torna algo indivisível e nossas vidas através dele estão entrelaçadas. Por tudo isso, pensar a história não se torna um esforço tão simples e de efeito apenas *qualitativo*.

Já passamos da hora de nos perguntarmos, o que *faz/é* um historiador diante dessa *quantitativa* imensidão? São várias e diversas as respostas. Marc Bloch (2002), por exemplo, historiador francês, apresenta uma definição que para mim é muito elucidativa: a história é talvez a “ciência dos homens, ou melhor, dos homens no tempo” (BLOCH, 2002, p. 55). Lógico, estudar a história é visualizar os homens e as mulheres do gênero

²⁷⁶ O conceito de natureza é múltiplo, ou seja, a palavra natureza pode possuir vários significados. Podemos dizer que desde a antiguidade a natureza em seu significado, seu simbolismo, vem sendo pensado e repensado por inúmeros intelectuais – filósofos, biólogos, geógrafos etc. –, de Aristóteles até Darwin, e mais, muitos outros discutem sobre o conceito de natureza. Logo podemos perceber que não se trata de algo uniforme e homogêneo. Apesar de ter o sentido amplo de ser aquilo que se relaciona com o mundo físico, concreto, estabelecido naturalmente – como a vida –, veremos que a natureza é também construção cultural.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Homo e suas passagens através do tempo. Mas não podemos simplesmente relegar todo o resto dessa história. A história – a nossa história – é muito mais que o homem (aí lê-se as diferenças de sexo, gênero, cor, classe social etc.), é tudo que o circunda; é também a natureza, pois não vivemos no vácuo espacial.

E se buscarmos mais definições para a ciência histórica, ainda poderíamos apontar o pensamento do historiador John Lewis Gaddis, que assim resumiu a posição do historiador frente ao seu objetivo:

Nenhum especialista nas guerras napoleônicas ouviu o som de um canhão em Austerlitz. **Os historiadores estão na mesma situação espinhosa de um advogado criminalista que se esforça para reconstruir um crime que ele não presenciou;** ou um físico que confinado ao leito em virtude de uma gripe toma conhecimento de seus experimentos por meio de relatórios de seu técnico do laboratório. (GADDIS, 2003, p. 51) (Grifo meu).

Mas e se no lugar do som de um canhão do século XIX, estivessem os sons dramáticos da destruição de uma floresta: o crepitar intenso do fogo, o ronco do motosserra, o ranger dos correntões arrancando as árvores pela raiz. Como seria se cada árvore pudesse emitir uma mensagem nessa hora? E se esses sons de adeus chegassem aos ouvidos de um historiador anos, séculos depois?

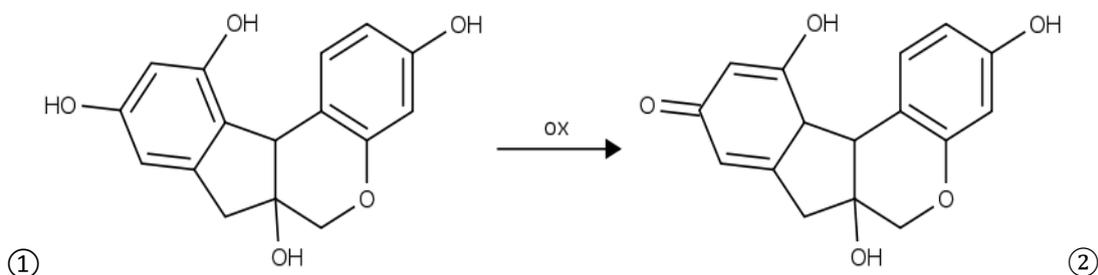
A questão é que, em todos esses posicionamentos a natureza não é instrumento do historiador, nem tão pouco objeto participador das vivências humanas. Na realidade, “tanto na religião ocidental como a ciência ocidental fizeram de tudo para afirmar que a natureza não é a história, mas apenas o cenário, que ver a natureza como sagrada é um sacrilégio” (SAGAN, 2008, p. 165), e, veja, quem disse isso não foi um historiador por formação, foi um astrofísico!.

Por muitos anos, *quantificações* que posicionam a vida de homens e mulheres na Terra, esteve separada dos discursos entre os historiadores, isto é, qual seria o historiador que até então se preocuparia em esclarecer o processo de transformação da brasilina em corante?





Tabela 1: Estrutura química da brasilina e da brasileína



Fonte: Estrutura de **brasilina** (1), produto natural isolado de *Caesalpinia echinata* e de **brasilina** (2), derivado oxidado de 1 e responsável pela cor vermelha do Pau-brasil.

Algum historiador mais conservador poderia (e ainda pode) dizer que seja algo desnecessário para o pensar e fazer histórico ter o meio ambiente como objeto de estudo, contudo, não passaria de um tolo desavisado ou mero ignorante. A história do Brasil – e do resto da Terra – está ligada ao uso de plantas na medicina ou relacionada a sua circulação enquanto comércio de produtos naturais, como as especiarias e os corantes vegetais, que serviram de modelos para o desenvolvimento da química e da produção sintética de produtos naturais.

Visto isso, um grito à uma história verde, ecológica, ambiental, é antes de tudo imprescindível. É urgente alargar mais os diálogos, pois o conhecimento histórico deve buscar comunicação com as mais diversas áreas, incluindo a geografia, a geologia, a botânica, a zoologia, biologia, a paleontologia, a agronomia, a ecologia, a química, a história da ciência e tantas outras quantas se tornarem necessárias (DUARTE, 2013) – acredito que o papel da ciência é promover o diálogo.

2 A HISTÓRIA AMBIENTAL: QUANDO OS HISTORIADORES DESCOBREM A NATUREZA

Segundo Julio Aróstegui (2006), houve uma grande guinada nos anos de 1970, que interrompeu uma certa trajetória da historiografia, mas propiciou o nascimento de muitas direções novas. E foi justamente a partir dessa tal renovação que surgiu a História Ambiental, domínio que podemos desenvolver uma interação mais próxima entre sociedade e natureza. Analogicamente, se Marc Bloch dizia que a história é: “ciência dos homens, ou melhor, dos homens no tempo” (BLOCH, 2002, p. 55), podemos dizer que a





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

História Ambiental é o estudo das relações entre homem e meio ambiente ao longo do tempo.

Sabendo disso, é pertinente apontar uma característica definidora da História Ambiental: ela está intrinsecamente ligada com inúmeras disciplinas do conhecimento como a geografia, biologia, climatologia etc. Sendo assim, esse domínio histórico abre as portas para uma interdisciplinaridade, isto é, possibilita novas abordagens metodológicas para História, e isso é muito importante. Para Castro (2003, p. 25), pensar a história em estreita relação com o ambiente no qual os seres humanos desenvolvem suas existências exige refletirmos sobre os distintos modos como nos organizamos para a produção e reprodução de nossas vidas, bem como em termos das práticas e das concepções sobre a natureza.

Elucidando um pouco mais, uma das principais premissas de um historiador ou historiadora ambiental é que os eventos da história se revelam no tempo, mas também no espaço. Como pontuou a historiadora Verena Winiwarter, “tudo o que acontece não tem somente um ‘quando’, mas também um ‘onde’, determinando a sua qualidade e a sua importância” (2010, p. 2). A história ambiental preocupa-se, então, com as interações entre a natureza e as sociedades humanas do passado, dá importância ao lugar e tenta associar a história humana com os sistemas naturais (WINIWARTER, 2010, p. 2).

A questão que acrescento às discussões da história ambiental é que, nós, historiadores e historiadoras, somos muito inclinados ao curto prazo e quase nunca pensamos no longo prazo, mas temos que ir mais além, pois aquelas mulheres e homens que não administram o fator *natureza* (que é dado no longo prazo) em suas análises é justificar que nossa vida e nossa história não está ligada ao planeta terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: OS HISTORIADORES E AS ÁRVORES COMO UMA NOVA POSSIBILIDADE

Por fim, podemos apontar que, pensando nas recentes inovações nos estudos da história, estamos diante de algo que não é simplesmente e apenas uma árvore. Pois há mais que seiva no alburno, e brasilina no cerne do pau-brasil – há história(s). São histórias que





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

representam diálogos. Diálogos que muitas vezes ultrapassam a própria história humana e do Brasil. Sabendo disso, é fundamental superarmos alguns preconceitos acadêmicos.

Não há como negar, historiadores e historiadoras, somos sem dúvidas aqueles conhecidos como factíveis a mudança, sempre dispostos a quebrar estereótipos e preconceitos historicamente construídos.

Mas, nem sempre seguimos o mesmo caminho, nem sempre fazemos aquilo que socialmente nos compete. Ainda, muitos – tolos, desavisados –, pejorativamente situam a natureza como puro objeto inanimado, crentes de uma falsa imunidade humana. Para esses, que acreditam que a história também não pode ser feita a partir de nossas relações com as árvores, tenho em mente que preconceitos (acadêmicos) também podem ser historicamente desconstruídos.

BIBLIOGRAFIA

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Tradução Andréa Dore. – Bauru, SP: Edusc, 2006.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CASTRO, M. I. M. **Reflexões sobre a história ambiental**. Universitas-FACE / História, Brasília, v. 01, p. 25-43, 2003.

DUARTE, Regina Horta. **HISTÓRIA & NATUREZA**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GADDIS, John Lewis. **Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SAGAN, Carl. **Bilhões e Bilhões: reflexões sobre vida e morte na virada do milênio**. Tradução Rosaura Eichenberg. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WINIWARTER, Verena. **Abordagens sobre a História Ambiental: um guia de campo para os seus conceitos**. Abordagens Geográficas – volume 1, número 1, 2010: out.nov., p. 1-21.

